Fotos: divulgação

Colégio Augusto Laranja, na Zona Sul de São Paulo: meta é integrar sala de aula com ambiente digital

Economia se aprende no ensino médio

Curso da FGV quer mostrar que economia é mais simples do que os jovens imaginam

Lugar de economia não é nas páginas dos jornais — quer dizer, não só. Pelo menos é o que defende Bernardo Guimarães, professor da Escola de Economia de São Paulo (EESP), da Fundação Getulio Vargas. Lugar de economia é na sala de aula: do ensino médio. A disciplina, exclusividade dos cursos superiores, ainda não conquistou seu espaço na grade do ensino básico, um fato que intriga Guimarães. "Ao contrário de outros países, no Brasil os estudantes não têm contato com a economia na escola. Estudamos física, átomos, células, e economia, que é utilizada no dia a dia, fica de fora", afirma. Para sanar esta deficiência do currículo, o professor propôs a FGV convidar alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas para um curso rápido, e gratuito, dentro da faculdade.

As aulas serão realizadas nos dias 11, 12,13 e 14 de abril, em São Paulo, para 500 inscritos. A ideia é realizar novas turmas para atender a demanda. E engana-se quem pensa que os estudantes vão ficar entediados com os densos temas econômicos. Guimarães, que é autor dos livros "Introdução à Economia" e "Economia sem Truques", se especializou em traduzir a economia de forma simples, mas rigorosa. Com exemplos que tocam os aspectos cotidianos e outros relacionados a grandes questões históricas ou do debate corrente.

Temas como crédito e até mesmo tributação serão tratados nos quatro dias de aula.

As estranhas casas de Londres com suas janelas cobertas explicam as distorções da tributação

Para isto, vale contar a história do bengalês Muhammad Yunus, o banqueiro dos pobres, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2006 por suas iniciativas de concessão de microcrédito em Bangladesh, e que, recentemente, foi demitido do banco que fundou. Ou mesmo, o que está por trás das estranhas casas de Londres com suas janelas cobertas com tijolos, que parecem esconder alguma coisa.

E escondiam sim, a iniciativa dos proprietários dos edifícios para driblar uma lei. Na Inglaterra, o imposto predial urbano era proporcional ao número de janelas das casas. ■ **R.O.**

Matéria

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 21 mar. 2011, Primeiro Caderno, p. 20-21.